ensemble
Sociedade de actores



DESPE-TE [ISABEL]

DE ELLA HICKSON

"A minha mãe seduziu um homem com tanto sucesso que ele alterou a história constitucional deste país. Conseguiu evitar ir para a cama com o meu pai durante quatro anos. Quando, finalmente, baixou as cuecas, perdeu tudo. A cabeça incluída."



"Todo o mundo é um palco,
E todo o homem e mulher,
não mais que actores"

William Shakespeare

Vir ao mundo divina, filha de reis, herdeira de tronos; sobreviver, à luz de velas que mal espantam a escuridão, à execução da mãe; assistir ao desmoronar da linha de sucessão à sua frente, abrindo-se-lhe o caminho até à coroa como que por intervenção dos céus; ser coroada depois de duas vezes encarcerada, à morte tendo escapado pela força do génio; ver o mundo todo conquistado e ela, sozinha, lá no alto, vitoriosa, e, ainda assim, que lhe seja repetido, uma e outra vez, por palavras e gestos: não passas de uma mulher.

Não havia de ter homem, de ter dono, nem havia de gerar filhos. Não seria o que é suposto uma mulher ser, nem muito menos faria o que é aconselhável uma mulher fazer. Sobraria apenas a rainha que os séculos baptizaram como virgem, pois à história é-lhe difícil distinguir a pessoa do género. Virgem. A que não teve sexo. Sim, não o teve, mas não falamos do acto. Isabel foi simplesmente Isabel.

O poder é um jogo de espelhos e o seu exercício, que tão simplesmente nos aproximemos ou distanciemos do nosso reflexo. E, quanto mais longe, mais difuso ele se torna. Consequentemente, mais poderoso, porque menos claro, menos susceptível de se deixar prender e fixar. Aqui, neste espectáculo, a alegoria transubstancia-se na cena. No espelho gigante, que vemos bailar por si pelo palco fora, Isabel não se deixa definir pela imagem que supomos ver reflectida. Joga o jogo, apenas. Afasta-se e aproxima-se. E não há aqui homens para ver projectados, tão somente personagens masculinas que actrizes interpretam. Despindo-as dos corpos varonis, sobra apenas a ideia do homem, a ideia do conquistador sexual e político que insiste em querer ver de Isabel um reflexo que o assegure na sua própria condição. Um reflexo que não o assuste. Reduzido a personagem, o homem, assim entendido, revela-se apenas uma imagem possível, entre muitas. Uma interpretação, entre muitas, do que é ser-se homem. E, quando confiada a mulheres, essa mesma interpretação revela-se em toda a sua fragilidade.

Que se dispa Isabel, é o que o título lhe pede. E ela assim o faz. Mas estará quem o pede, o espectador anónimo que imaginamos que o peça, preparado para contemplar a nudez da rainha?

Pedro Galiza



tradução e encenação

Pedro Galiza

música* e desenho de som

Ricardo Pinto

desenho de luz

Rui Monteiro

figurinos

Bernardo Monteiro

espaço cénico

Pedro Galiza

vídeo

João Pedro Fonseca

assistente de encenação

Inês Simões Pereira

assistência ao desenho de luz

Tiago Silva

assistência à produção

Sara Pacheco
Mariana Vilaça
Beatriz Pinho

*(a partir da *Chaconne* em Ré Menor, P. 41 de Johann Pachelbel)

Emília Silvestre

Rainha Isabel / Catarina Parr / Maria Tudor



Ana Pinheiro

Princesa Isabel / Catarina Grey / Lavadeira

Filomena Gigante

Cecil



Margarida Carvalho

Tomás Seymour / Roberto Dudley

a história...

Monarca inglesa, nascida em 1533 e falecida em 1603, Isabel I era filha de Henrique VIII e Ana Bolena, a sua segunda esposa. Teve uma infância conturbada, como conturbada era a vida política inglesa do momento, tendo chegado a estar presa e em perigo de morte. Sucedendo a Maria Tudor, ascendeu ao trono em 1558.
O seu reinado duraria quatro décadas e meia, e viria a constituir um dos períodos mais marcantes da História inglesa.
Depois de anos de confrontos violentos, em que o país corria riscos constantes de eclosão de uma guerra civil, Isabel I empenhou-se em conseguir a pacificação interna. O esmorecimento dos ódios e conflitos religiosos foi uma condição fundamental para a emergência do poderio inglês no plano internacional. Na época isabelina assistiu-se ao desenvolvimento comercial do país, mas também ao florescimento da cultura. Homens como Francis Drake e Walter Raleigh dedicaram-se à exploração geográfica dos territórios recentemente descobertos. Edmund Spenser, na poesia, William Shakespeare e Christopher Marlowe, no drama, deixaram-nos obras de enorme valor. Francis Bacon e William Gilbert, entre muitos outros, dedicaram-se à filosofia e à investigação científica.
Isabel I nunca casou. Não deixando descendência, foi a última soberana inglesa da casa Tudor. Sucedeu-lhe o seu primo Jaime Stuart, o rei Jaime VI da Escócia, tornado Jaime I de Inglaterra, que deu início à dinastia Stuart.



fotografias

João Fitas



agradecimentos

Teatro Nacional São João
Sofia Faria Fernandes
Nuno Leites
Marta Bernardes
Pedro Alves
Isabel Costa

coprodução

Ensemble - Sociedade de Actores
Casa das Artes de Famalicão

ensemble

Sociedade de actores

estrutura financiada por

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

www.ensembledeactores.com